

A inserção das tirinhas e charges nas aulas de História: uma estratégia de ensino que promove a reflexão crítica em sala de aula<sup>1</sup>

ALESSANDRA FERREIRA

A sociedade contemporânea, inserida em um contexto urbano industrial, vem sofrendo profundas transformações estruturais cujas repercussões são sentidas nas relações de produção e consumo, relações trabalhistas, no processo de construção/difusão de conhecimentos e conseqüentemente no sistema educacional brasileiro.

As relações de produção e consumo estão a serviço das grandes empresas que visam aumentar suas margens de lucros através de elevados investimentos nas agências de publicidade que contribuem para que novos hábitos de consumo sejam criados, resultando assim em um círculo vicioso: a produção industrial lança no mercado um crescente número de novas mercadorias, aumentando assim, portanto, a circulação dos bens de consumo em uma escala assustadoramente ascendente e a mídia atua com o propósito de despertar no consumidor o desejo de adquirir bens que serão substituídos, ou seja, descartados em frações de segundos.

Esses mecanismos impulsionados pela publicidade são responsáveis por um tipo de compulsividade desenfreada no ato de comprar o que acarreta não somente distúrbios de ordem patológica para o indivíduo, como também desencadeia novos problemas ambientais e, nesse sentido coletivos, relacionados com a quantidade de lixo acumulado, cujos resíduos tóxicos, contribuem para a contaminação do solo e assim através de uma reação em cadeia ocorre também a contaminação de todo lençol freático que abastece os mananciais de água potável disponível para o consumo humano.

A partir dos estudos realizados pelas autoras Martins e Fagundes (2011), na sociedade contemporânea, as mercadorias perderam completamente o seu sentido utilitário tão difundido no contexto da Guerra Fria para atingir um grau de total autonomia em relação ao seu uso. Visando esclarecer tal linha de pensamento, recorreremos a seguinte citação:

---

<sup>1</sup> Professora de História da Educação Básica e especialista em Antropologia Urbana.

“Mercadorias não são mais apenas objetos práticos para o uso cotidiano; aparecem, agora, envoltas por uma auréola que emana uma magia cativante. De objetos úteis, as mercadorias tornaram-se possibilidades de felicidade, liberdade, de beleza, o que se evidencia no festival de slogans apelativos que invadem o imaginário dos sujeitos contemporâneos.” (MARTINS E FAGUNDES, 2011: p.260-261)

O consumidor que se deixou inebriar-se por tal “magia” ou encantamento exercido por tais mercadorias precisa ostentar que é detentor dos tais bens de consumo que confere “status” ao sujeito que os possui ou apenas exerce a função de enquadramento dentro de um seletivo grupo de consumidores de determinados aparatos tecnológicos ou serviços especializados oferecidos a um número limitado de usuários.

Da mesma forma que existe uma sintonia fina existente entre as relações de produção e circulação de mercadorias divulgadas através dos meios de comunicação, as relações trabalhistas estabelecidas pelas empresas que se encarregam de produzir e distribuir essas mercadorias também são afetadas, pois há uma lógica empresarial que define estratégias para que essa produção de bens de consumo ocorra de forma a não aumentar os custos com a produção e isso implica em adquirir um maquinário com tecnologia de ponta que será operacionalizado por poucos trabalhadores qualificados para funções cada vez mais especializadas.

Muitos consultores e até mesmo apresentadores do telejornalismo quando analisam a atual conjuntura econômica e suas implicações no mercado de trabalho, ressaltam o grande paradoxo do sistema capitalista atual: aumentou a oferta de postos de emprego em alguns setores da economia, porém, não há profissionais qualificados para atender a demanda de cargos técnicos especializados em determinadas funções.

Dando sequência a essa linha de raciocínio de que há uma interconexão entre as diretrizes atribuídas ao mercado e demais setores da sociedade não poderíamos deixar de mencionar como essas empresas se apropriam das contribuições decorrentes do processo de produção/difusão do conhecimento científico. É indispensável esclarecer que a pesquisa científica, desde meados do século XVIII com a revolução industrial inglesa, permaneceu

atrelada ao financiamento burguês para que as primeiras invenções obtivessem a comprovação de sua aplicabilidade, inicialmente, na área da produção têxtil e, posteriormente, as inovações tecnológicas foram sendo testadas em outros campos da indústria.

Na medida em que o avanço tecnológico foi se aprimorando tornou-se então mais profunda essa aliança entre o campo científico e o empresarial. Para que os frutos dessa aliança se consolidassem no atual cenário da sociedade de consumo era necessário que a mídia se fortalecesse no cotidiano das pessoas, então foi articulado o golpe de mestre: a ascensão das novas tecnologias da informação e da comunicação como sendo o grande ícone norteador das relações sociais contemporâneas.

De posse dessas novas tecnologias da informação e da comunicação, os cidadãos da aldeia global não apenas conquistaram a habilidade de compartilhar informações e interagir em tempo real, mas alcançaram um novo patamar dentro dessas redes virtuais que consiste em se constituir enquanto autores de conteúdos que serão compartilhados, ao mesmo tempo em que se apropriam dos benefícios oriundos dessas tecnologias para firmar parcerias, vender seus produtos, enfim as oportunidades de fazer grandes negócios e divulgar mercadorias, bens e serviços tornaram-se infinitas.

Em consonância com as benesses decorrentes dessa publicidade virtual que resultaram em benefícios comerciais para alguns grupos empresariais que a partir da rede mundial de computadores passaram a disponibilizar suas mercadorias em um menor intervalo de tempo com um alcance internacional, há um contrassenso dentro dessa tendência de compartilhar informações em rede, as notícias apresentam-se fragmentadas, superficiais e assim são substituídas na mesma velocidade com o que foram difundidas. Tais características são imprescindíveis ao mercado porque da mesma forma que as notícias são lidas e esquecidas posteriormente as mercadorias também são consumidas e descartadas para que novos hábitos de consumo sejam introduzidos em um curto intervalo de tempo. A esse respeito (MARTINS E FAGUNDES, 2011: p.268) elucida:

“[...] As relações instantâneas são idolatradas nas letras das músicas, em filmes, novelas, propagandas, como o melhor da vida. Enquanto se

acelera a obsolescência dirigida dos produtos, a publicidade e as mídias exaltam os gozos instantâneos, exibindo um pouco por toda parte os sonhos do eros, do conforto e dos lazeres”.

Diante desse tipo de consumo instantâneo predomina um frenesi coletivo em torno de músicas, artistas, festivais e uma infinidade de atrações culturais que são programadas para fazer sucesso repentino e assim sempre são substituídos por outros hits, ritmos ou coreografias do momento.

De acordo com esse contexto de obsolescência programada as experiências científicas, essencialmente, as inovações nas mais diversas áreas do conhecimento são absorvidas pela construção civil, indústria química, produção de alimentos industrializados, extração e refinamento de petróleo, produção de roupas, sapatos, bolsas, artigos de informática e aparelhos de telefonia celular entre outros setores da atividade industrial para se tornarem obsoletas rapidamente e assim cria-se um perigoso círculo vicioso onde um crescente número de consumidores, ávidos pelas novidades do mercado, esperam comprar os últimos lançamentos, embora tais bens de consumo tão desejados não representem um uso prolongado ou permanente.

Ao afirmarmos que a pesquisa científica influencia e ao mesmo tempo também sofre interferência de determinados setores empresariais, visto que é público e notório as parcerias que são realizadas entre departamentos de universidades públicas e a iniciativa privada que promove melhorias em aquisição de equipamentos para laboratórios específicos ou então promove convênios para a realização de estágios que constituem, muitas vezes, períodos de treinamento para a contratação de profissionais qualificados para o quadro técnico dessas empresas.

Da mesma forma que a iniciativa privada exerce influência sobre alguns cursos da área de exatas ou tecnológica, é possível perceber que muitas empresas também desenvolvem projetos sociais em determinados estabelecimentos de ensino público com o objetivo de realizar intervenções seja de teor meramente pedagógicas (prestação de serviço de consultorias, cuja finalidade, consiste em melhorar o desempenho escolar dos alunos) ou tais

intervenções resultam na compra de alguns recursos audiovisuais ou materiais educativos que serão compartilhados pelo corpo discente dos referidos estabelecimentos de ensino.

Independente se há ou não parcerias com a iniciativa privada, o sistema educacional contemporâneo, por fazer parte desse contexto urbano industrial, sofreu transformações decorrentes do processo tecnológico em curso seja através da aquisição e uso das novas tecnologias da informação e da comunicação por parte dos mais diversos segmentos da comunidade escolar (alunos, professores, pais e funcionários) seja pelas pressões dos agentes externos (órgãos do governo, empresas ou até mesmo reivindicações de pais e alunos) que atuam no sentido de assegurar que muitas instituições educativas sejam equipadas com o intuito de oferecer aos educandos (as) o acesso a computadores e outros dispositivos eletroeletrônicos disponíveis como alternativas de aquisição de conhecimentos.

Nesse sentido, a escola enquanto espaço privilegiado de interações sociais exerce, portanto, um importante papel pela sua potencial ação ao construir, socializar e legitimar os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais que nortearão o processo de ensino e aprendizagem em suas diversas modalidades (Ensino fundamental Anos iniciais e Anos finais, Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos).

Em virtude dessa amplitude que o âmbito escolar atingiu nas últimas décadas foram surgindo inúmeros trabalhos acadêmicos que dedicavam-se, justamente, em fornecer subsídios teóricos aos professores das mais diversas licenciaturas e assim redimensionar a relação existente entre teoria e prática em sala de aula.

Desses subsídios teóricos incorporados por alguns profissionais do magistério merecem destaque a introdução do uso da imagem em sala de aula, a música, a literatura, as histórias em quadrinhos entre outras linguagens que constituem ferramentas indispensáveis para que os alunos aprendam a ler e interpretar não apenas signos, mas principalmente o mundo ao seu redor.

Inserir no espaço escolar artefatos midiáticos não representa que os educadores se renderam aos modismos ou então absorveram a lógica mercadológica e empresarial vigente,

mas significa que a apropriação do conteúdo proveniente dos dispositivos midiáticos na sala de aula constitui um importante elo para que os estudantes possam interagir no mundo em que vivem de forma crítica e participativa. Ressaltando esse aspecto dos meios imagéticos como essenciais ao desenvolvimento cognitivo dos educandos, encontramos a seguinte citação (SANTAELLA,2012: p.14):

“Entretanto, desde a invenção da fotografia, depois seguida de uma série de meios imagéticos – cinema, televisão, vídeo -, e agora em plena efervescência dos meios digitais, com suas variadas interfaces – computadores, desktops, iPhones, iPads -, o ser humano está rodeado de imagens por todos os lados, em cada canto e minuto do seu cotidiano, isso sem considerarmos que, quando dormimos, continuamos a ver imagens nos sonhos. Diante disso, nada poderia ser mais plausível, e mesmo necessário, que a imagem adquirir na escola a importância cognitiva que merece nos processos de ensino e aprendizagem.”

Embora, seja necessário reconhecer que não podemos fugir desse contexto midiático que abarca a toda a comunidade escolar, principalmente aos educandos que encontram-se no processo formativo de suas personalidades, torna-se indispensável que a escola se posicione em relação a distorção de conceitos e reprodução de comportamentos preconceituosos que são perpetuados através dos aparatos tecnológicos que nos cercam.

Todo o arcabouço imagético diluído nos livros didáticos, paradidáticos, nos ambientes virtuais, revistas, jornais impressos e até mesmo o conteúdo televisivo opera na construção de conceitos que são assimilados pela sociedade como reais. Problematizar em sala de aula que toda fotografia, pintura ou desenhos a respeito de determinadas situações retratadas correspondem a representações da realidade e não reproduz essa mesma realidade de uma forma fiel é uma estratégia de ensino positiva porque desmistifica estereótipos e propicia uma atitude reflexiva inserida no processo de ensino e aprendizagem.

Inspirados no cabedal teórico delineado pelo mestre Paulo Freire que nos deixou como legado sua célebre frase: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. (FREIRE, 2011: p.19-20) foi que nos deparamos com a real necessidade de nos debruçarmos sobre a prática da

leitura e da escrita nas aulas de História, ainda que tal prática não permaneça circunscrita ao campo puramente gramatical, mas priorizando as potencialidades que lhes são decorrentes quando vislumbramos a construção de uma rede de saberes articulados e portadores de significados para que possam ser compartilhados por todos que fazem parte da comunidade escolar.

Reconhecer que o processo de leitura e escrita não se restringe ao ato de decodificar os signos dispostos nos livros e outros gêneros textuais, além disso, admitir que a escola encontra-se inserida em um contexto histórico, cultural e econômico no qual as pessoas são bombardeadas diariamente por centenas e milhares de informações e imagens veiculadas pelas emissoras de televisão e sites da internet e, por consequência disso, se faz necessário que os conteúdos possam abarcar múltiplas linguagens para que a escola possa permanecer conectada com o século XXI.

Em se tratando de conexão de saberes e linguagens, o ensino de História também incorporou no cerne da sua matriz curricular a diversidade de fontes documentais (música, filmes, histórias em quadrinhos, artes plásticas, fotografia, entre outras possibilidades) o que permite ao professor de História dialogar com outras áreas do conhecimento, tornando assim mais dinâmico o processo de ensino e aprendizagem.

Buscando acompanhar as mudanças que estão se processando no mercado editorial do livro didático de História que nas últimas décadas têm apresentado muitas imagens, além de atividades direcionadas para a interpretação de charges ou tirinhas e, principalmente pelo fato de que as questões de História do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) retratam muitas imagens, charges e tirinhas relacionadas ao contexto histórico nacional e internacional foi que desenvolvemos o presente artigo que tem como objetivo estudar as charges e tirinhas enquanto ferramentas pedagógicas propulsoras de um pensamento crítico e autônomo em sala de aula.

Diante da importância já justificada anteriormente da necessidade da realização do trabalho pedagógico em sala de aula com as tiras cômicas e charges, procuraremos a partir

deste momento nos deter nos aspectos teóricos formulados por dois autores Paulo Ramos e Waldomiro Vergueiro que fornecem sustentação ao uso desses dois gêneros dos quadrinhos nas mais diversas disciplinas que estão presentes tanto na grade curricular do ensino fundamental quanto do ensino médio.

No tocante as tirinhas, Vergueiro esclarece justamente as vantagens que as mesmas oferecem pelo fato de serem curtas, tratarem de temas específicos e principalmente por ser de fácil compreensão para o leitor. Com o intuito de elucidar a respeito das características técnicas das tirinhas (VERGUEIRO, 2009, p. 45) afirma:

“As tiras de jornal, por sua própria característica, precisam trabalhar temas específicos em dois ou três quadrinhos, algumas vezes de forma isolada, em outras, interligadas com tiras anteriores ou posteriores. O primeiro modelo é característico das tiras de humor, no qual toda a narrativa se inicia e termina em uma única tira, seguindo a já consagrada fórmula conhecida como a-gag-a-day (uma piada por dia). O segundo modelo está ligado às histórias de aventuras, cujas tiras diárias partem de um gancho ou momento de tensão anteriormente dado, um desenvolvimento desse momento e a geração de um segundo momento que criará elo com a tira do dia seguinte, garantindo o retorno do leitor.”

As charges, por sua vez, também concentram temas específicos, cujo conteúdo humorístico retrata cenas do cotidiano que são apresentadas em desenhos isolados. Os chargistas exploram os principais acontecimentos políticos, sociais e culturais que mereceram destaque tanto na mídia televisiva quanto na mídia impressa. Visando fundamentar o comentário que fiz a respeito das charges, vejamos o que atesta (RAMOS, 2009: p. 193):

“Charge é um texto de humor que dialoga especificamente com fatos do noticiário. É uma leitura irônica de alguma informação, reportada ou não no jornal ou site em que foi veiculada. Quando tem como personagem algum político ou personalidade, é comum o uso da caricatura para reproduzir as feições da pessoa representada.”

O trabalho em sala de aula que contempla o uso das charges e tiras cômicas permite ao professor que se atualize a respeito dos assuntos que estão repercutindo durante a semana para que os mesmos possam ser discutidos em sala de aula.

Além disso, ao conduzir a análise das charges e tirinhas em sala de aula, o professor pode intervir no sentido de contribuir para os sujeitos da aprendizagem se apropriem das habilidades e competências para a prática da leitura e interpretação de textos. Como podemos vislumbrar nas palavras de (RAMOS, 2009: p. 187):

“Não se pode compreender o sentido de humor presente num texto sem que o conteúdo seja lido e entendido. Humor e entendimento textual são elementos interligados, um depende do outro. Nesse sentido, ler piadas, crônicas, tiras e outros textos com temática cômica pode ser um elemento importantíssimo para exercitar a capacidade de intelecção dos estudantes.”

Todos esses benefícios provenientes do uso das tiras cômicas e charges em sala de aula não encerram o assunto, pois a linguagem dos quadrinhos enriquece o trabalho pedagógico no sentido de assegurar não somente a problematização do conteúdo ideológico que estão presentes em cada um desses gêneros, mas oportuniza acima de tudo a valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes, uma vez que, no momento da discussão das imagens apresentadas os mesmos serão convidados a expressar o que já sabem a respeito do tema abordado.

## REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. Tradução de Sérgio Goes de Paula. **O que é História cultural?** 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 51ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, Sirlândia; FAGUNDES, Édina Vergara. Educação e direitos sociais: cidadania (?) passando por aqui. In: ZANCHET, Beatriz Maria Boéssio et. al. **Processos e práticas na formação de professores.** Caminhos possíveis. Brasília: Liber livros, 2011.

RAMOS, Paulo. Humor nos quadrinhos. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.) **Quadrinhos na educação.** Da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos uma alfabetização necessária. In: VERGUEIRO, Waldomiro. et. al. **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula.** 3.ed. São Paulo: Contexto, 2009.